

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ÉRICA CRISTINA PROCÓPIO CAMPOS

DO OBSCENO À CENA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – UFJF

MARÇO DE 2006

DO OBSCENO À CENA

por

Érica Cristina Procópio Campos

(Aluna do Curso de Comunicação Social)

Monografia apresentada ao Departamento
de Comunicação e Artes na disciplina
Projeto Experimental II.
Orientador Acadêmico: Prof. Dr. Potiguara
Mendes da Silveira Jr.

CAMPOS, Érica Cristina Procópio. Do obsceno à cena. Juiz de Fora: UFJF; FACOM,
2.sem.2005. 58 fls. Projeto experimental do Curso de Comunicação Social.

Banca Examinadora:

Professor Dr. Potiguara Mendes da Silveira Jr. - Orientador

Professor Dr. Nilson Assunção Alvarenga - Relator

Professor Dr. Aluizio Ramos Trinta - Convidado

Examinada em:

Conceito:

AGRADECIMENTO

Aos meus pais, Sônia e Junior, e minha irmã, Rafaela, pela paciência, compreensão e incentivo.

À minha amiga Tatiana pela enorme ajuda e carinho, sem ela não teria conseguido.

Ao Fabrício, pelo amor e apoio.

A meus amigos, tantos e de incomensurável importância.

Ao meu orientador e professor Potiguara Mendes, pelo apoio.

A Deus, que me guiou e me deu forças para que eu superasse todos os obstáculos.

SINOPSE

Estudo da pornografia como um produto da indústria cultural. Apresentação do tema relacionado a sua história, à sociedade, à cultura e à imaginação pornográfica. Apreciação de como se efetua o consumo da pornografia. Análise da obra “pornográfica” de Hilda Hilst e do jornal Tribuna de Minas.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO

2. A ENCRUZILHADA DA PORNOGRAFIA

2.1 Vasculhando o pornográfico

2.2 Pornografia, cultura e sociedade

2.3 A imaginação pornográfica

3. A PORNOGRAFIA QUE QUIS SER CIDADÃ

3.1 Sexualidade como mercadoria

3.2 Estética do obsceno

3.3 Consumo e violação do proibido

3.4 Obscena é a transgressão (Obsceno conceitual)

4. HILDA HILST E A PORNOGRAFIA

4.1 A escolha da pornografia

4.2 A trilogia Caderno Rosa de Lori Lamby, Contos de Escárnio/Textos Grotescos e Cartas de um Sedutor.

4.3 Hilda e o texto pornográfico

4.4 Sintoma da virada

5. PORNOGRAFIA E MÍDIA

5.1 1985

5.2 1995

5.3 2005

5.4 O que aconteceu com a pornografia na mídia?

6. CONCLUSÃO

7. REFERÊNCIAS

8. ANEXOS

A vida: uma aventura obscena de tão lúcida
Hilda Hilst

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho destina-se a analisar o atual papel da pornografia na mídia impressa. Observa-se o gênero, no decorrer dos anos, tem conquistado o espaço do explícito, passando a ser um produto comum do consumo cultural.

A proposta é identificar o modo como a pornografia vem sendo tratada pela mídia impressa nas últimas três décadas. Para tanto, analisaremos o jornal *Tribuna de Minas*; e, com o intuito de enriquecer ainda mais a análise, abordaremos também o gênero literário da pornografia, especificamente, a trilogia “pornográfica” da escritora paulista Hilda Hilst (*O Caderno Rosa de Lori Lamby*, 1990; *Contos D’Escárnio/ Textos Grotescos*, 1992; *Cartas de um Sedutor*, 1993).

É inegável afirmar que a pornografia é consumida em suas diversas formas, inclusive a literária. Embora esse consumo, em grande parte de sua história tenha sido feito de forma recôndita, em função, principalmente, de moralismos de toda espécie, não se pode contestar o poder de atração do erotismo literário e da curiosidade que esse tipo de texto costuma provocar.

Hilda Hilst é um exemplo, dentre vários outros escritores, que captaram o poder e fascínio exercido pela pornografia, transformando-a em algo licitamente consumível.

É fato que a pornografia há algum tempo saiu da alcova e alcançou relativamente a esfera do explícito. No entanto, não se pode afirmar que o gênero não é mais marginalizado. A literatura pornográfica continua a ser vista de modo depreciativo, como algo de menor valor e qualidade, o que muitas vezes não é verdade. Em alguns casos, nem chega a ser considerada como um gênero literário.

Contudo, a pornografia considerada ilícita é desbravadora. Parece querer deixar a clandestinidade e buscar reconhecimento e aceitação no espaço público. Foi nessa árdua tarefa que Hilda Hilst se engajou. Com sua trilogia “pornográfica”, a escritora pretendia atingir o grande público porque desejava ser lida. Dessa forma, migra da alta cultura para cultura de massa. Supomos que tenha feito isto com êxito, conferindo status de diversão requintada à pornografia.

No capítulo primeiro, buscamos fazer um panorama geral da história da pornografia. Ela existiu em todos os tempos, pode-se dizer que é tão velha quanto o mundo. Por isso, procuramos destacar os fatos marcantes que construíram sua história. Além disso, buscamos relacioná-la com a sociedade e a cultura, de modo que fosse possível situar o leitor da melhor maneira no contexto pornográfico. Procuramos esclarecer também, a imaginação pornográfica, base fundamental para que se efetue o consumo dos produtos deste gênero.

A pornografia como produto da indústria cultural é abordada no capítulo segundo. Buscamos esclarecer a sexualidade como mercadoria, a estética do obsceno, a violação do proibido (principal requisito no consumo de pornografia), fechando o capítulo com uma reflexão sobre a obscenidade estar na transgressão.

Os capítulos terceiro e quarto procuram investigar a pornografia na literatura por meio da obra de Hilda Hilst e na mídia através da análise do jornal *Tribuna de Minas*. Com relação à obra de Hilda Hilst, buscamos compreender o porquê da escolha da pornografia para conseguir alcançar seu objetivo de ser lida. Na análise do jornal impresso, procuramos observar a aparição do tema na mídia, para comprovar ou refutar a hipótese de que a pornografia vem se tornando cada vez mais explícita e um produto de consumo cultural como qualquer outro.

2. A ENCRUZILHADA DA PORNOGRAFIA

A pornografia e o erotismo transitam sempre em terreno marcado pelas contradições, um território não determinado, uma fronteira entre situações opostas, há tensão entre polaridades. Ao se instalarem, o fazem sempre como uma transgressão das interdições que também são, por sua vez, parte de um conjunto de contradições. Essa impossibilidade de traçar limites precisos entre o erótico e o pornográfico é, a nosso ver, sinal de sensatez e um bom ponto de partida, tendo em vista as contradições, o jogo semântico que cerca o uso social dessas palavras, a forma dialética como a história tem tratado o assunto.

A palavra pornografia origina-se do grego *pornographos*, que significa, literalmente, “escritos sobre prostitutas”, referindo-se à descrição dos costumes das prostitutas e de seus clientes. Além de ser “escrita acerca do comércio sexual”, seu significado nos dicionários indica a expressão ou sugestão de assuntos obscenos na arte, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo. Devassidão. Libertinagem.

O termo erotismo surgiu no século XX a partir do adjetivo erótico, derivado de Eros, deus do amor, do desejo (sexual) em sentido amplo. O impulso erótico, segundo Freud, expressaria “o desejo do homem de união com os objetos do mundo”. Amor enfermo, paixão sensual insistente, busca excessiva da sensualidade, lascívia, são algumas das definições encontradas nos dicionários.

Na literatura a respeito de erotismo e pornografia, um conteúdo aparece com recorrência em autores diversos: segredo. E seu correlato, secreto. O erótico e o pornográfico são percebidos como uma espécie de revelação de alguma coisa que não deve ser exposta. Ao prazer do mistério – uma verdade imprecisa - eles opõem o prazer do desvendamento.

De algum modo, os dois conceitos parecem estar sempre juntos, ou contidos um no outro. Ambos se referem à sexualidade e às interdições sociais e se expressam pela transgressão. São, cada qual a seu modo, expressões do desejo que triunfam sobre proibições. As tentativas de separá-los têm sido historicamente inúteis, posto que se projetam num campo de contradições e ambigüidades, sempre presente quando se trata de definir conceitos

referentes à sexualidade e suas representações. A fronteira entre eles, se há uma, é certamente imprecisa, já que não depende somente da natureza e do funcionamento das mensagens, mas também de sua recepção, de seu posicionamento entre o admissível e o inadmissível, cuja linha divisória flutua no tempo e no espaço. Ambos são “figuras do intolerável”, um território balizado socialmente, mas delimitado por cada um, suscitando em todos, sentimentos contraditórios como hostilidade, curiosidade, desgosto, idolatria, entre outros. Essa interpenetração entre os dois conceitos foi brilhantemente sintetizada por Robbe-Grillet na frase “a pornografia é o erotismo dos outros”.

De qualquer modo, a característica essencial aos dois conceitos é a sexualidade. Ao erotismo é deixada uma porta aberta ao sentimento amoroso, embora em situação urgente, de experiência extremada. A pornografia supõe uma certa capacidade de excitar os apetites sexuais de seus consumidores, algo que fale à libido. Provavelmente, por isso, suas manifestações (ou produtos) são consideradas ultrajantes ao pudor, obscenas.¹

O conceito de obsceno é fundamental para iluminar a questão. Segundo Havelock Ellis, obsceno é uma corruptela do vocábulo *scena*, e seu significado literal é “fora de cena”, ou seja, aquilo que não se apresenta normalmente na vida cotidiana. Aquilo que se esconde (apud Nuno Abreu, 1996, p.18). Conforme o *Novo Dicionário Aurélio*, obsceno é “o que fere o pudor; impuro, desonesto”, ou “diz-se que quem profere ou escreve obscenidades”. Isto é, obsceno é aquilo que se mostra, que se põe “em cena”. Cometer uma obscenidade é colocar em cena algo que deveria estar fora dela. É transgredir. Nessa ambigüidade – fora de cena/dentro de cena – se funda o conceito de obsceno.

Jean Baudrillard (apud Nuno Abreu, 1996, p.19) opõe a hipervisibilidade do obsceno à “constelação do segredo” que, com suas luzes e sombras, daria espaço à imaginação, à metáfora. Segundo ele, num aparente paradoxo, “estar em cena” exageradamente, o excesso de exposição (tudo estar cruamente visível), leva ao vazio. Para Baudrillard, a obscenidade é uma tentativa desesperada de sedução pela evidência grosseira da

¹ É importante anotar que obscenidade não se reduz somente às representações da sexualidade. Muitas ações humanas podem ser consideradas como obscenas. No âmbito desta reflexão, o obsceno será referido, em princípio, ao campo da sexualidade.

verdade, e não pelo uso sutil dos signos disponíveis. Ao acreditar que é suficiente se dar a ver e ser vista, ela se comporta como uma oferta vulgar, ingênua e sentimental que pretende ser a verdade material das coisas, sem respeito pelas complexidades e pela sutileza das aparências. A obscenidade é uma efusão e uma provocação ao mesmo tempo. A provocação é obscena porque ela diz a sedução: “eu sei que você quer ser seduzido, eu vou te seduzir”. E não haveria nada pior do que trair esta regra secreta.

Nesse sentido, a pornografia é exatamente obscena porque carrega consigo todos esses atributos. Ela é uma efusão e uma provocação, ela diz a sedução e, com certeza, trai todas as regras, porque quer penetrar nos segredos. Transgressiva por definição, sua força mobilizadora, no universo das representações, é a revelação: trazer para a máxima visibilidade tudo o que puder encontrar. Operando na ambigüidade fora/dentro de cena, a pornografia talvez possa ser entendida como um discurso veiculador do obsceno: exhibe o que deveria estar oculto. Espaço do proibido, do interdito, daquilo que não deveria ser exposto.

2.1 Vasculhando o pornográfico

A pornografia é parte integrante da história da humanidade e da história da arte, na qual pintura, escultura e literatura fizeram interessantes tratados artísticos tendo a pornografia como base. Existem registros pornográficos em tudo o que for possível imaginar.

Dos homens pré-históricos ao Império Romano, entre os índios astecas e durante a Idade Média, imagens excitantes e relatos de estripulias sexuais nunca faltaram e serviram a todo tipo de papel político e social: ritualístico, médico, artístico e até mesmo funcional, como meio de estimular o prazer.

O Rig Veda, poema religioso indiano, que data de quinze séculos antes de Cristo, e o bíblico, Cântico dos Cânticos, mostram que o erotismo na literatura parece ter nascido ao mesmo tempo em que surgiu a necessidade de expressão através da palavra escrita. Homens e mulheres sempre procuraram fruir e dar expressão literária ao desejo tão naturalmente quanto procuravam satisfazer esse desejo.

Contudo, desde os seus primórdios até bem pouco tempo, a pornografia não constituía uma categoria de literatura ou de qualquer espécie de representação.

Embora, o desejo, a sensualidade, o erotismo e até mesmo a representação explícita dos órgãos sexuais possam ser encontrados em muitos, senão em todos, tempos e lugares, a pornografia como categoria legal e artística parece ser um conceito tipicamente ocidental, com cronologia e geografia particulares. Em seu sentido moderno, o termo só foi definido e difundido no século XIX. Por isso, alguns estudiosos consideram o final do século XVIII e o início do XIX decisivos para o desenvolvimento da noção moderna de pornografia.

O conceito de pornografia foi definido historicamente, e seu desenvolvimento como categoria esteve sempre sujeito a conflitos e mudanças. Segundo Walter Kendrick, na obra *O museu secreto* (apud Lynn Hunt, 1999, p.13)

A “pornografia” especifica um argumento, não uma coisa, e designa uma zona de batalha cultural. A obscenidade existiu justamente como distinção entre o comportamento privado e o público. Mas, aproximadamente em meados do século XIX o equilíbrio entre obscenidade e decência, privado e público foi abalado, e a pornografia emergiu então, como preocupação governamental distinta.

Em termos lingüísticos, os meados do século XVIII e XIX foram cruciais. A palavra *pornographe* apareceu pela primeira vez em 1769, no tratado de Restif de la Brettone intitulado de *Le Pornographe*, aludindo a textos sobre prostitutas. Em 1857, a palavra pornografia apareceu pela primeira vez no *Oxford English Dictionary*, e a maioria de suas variações – pornógrafo e pornográfico – datam do mesmo período. Esses verbetes surgiram na França um pouco antes.

A pornografia adquiriu existência simultaneamente como prática literária e visual e como categoria de pesquisa, acompanhando a longa emergência da modernidade no Ocidente. Estão relacionados aos principais momentos desse processo: o Renascimento, a Revolução Científica, o Iluminismo e a Revolução Francesa. Os autores e gravadores pornográficos surgiram entre os hereges, livres-pensadores e libertinos, que ocupavam uma posição inferior entre os “promotores do progresso do Ocidente”.

A pornografia começou a aparecer como gênero distinto de representação quando a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações. No entanto, a

promiscuidade das representações do obsceno – quando passou a ser possível exibir qualquer coisa para qualquer pessoa – gerou o desejo por barreiras, catalogações, novas classificações e censura. Em outras palavras, a pornografia como categoria regulamentada surgiu em resposta a ameaça de democratização da cultura.

Com o capitalismo, houve a necessidade de o poder controlar os corpos em favor do trabalho. Desse modo, se, até o século XVIII, as práticas e os códigos do sexo não se mantiveram tão rígidos, apesar de todos os indícios em contrário, com o advento da burguesia vitoriana, no século XIX, alterou-se a maneira de encará-lo. Foram proibidos, censurados e mascarados. O poder passou, em resumo, a exercer um controle mais rígido e, do seu ponto de vista, mais eficaz sobre as práticas e representações sexuais.

Aparentemente, no século XX, a década de cinquenta marcou o início de uma etapa de liberação. Em nenhuma outra época – a não ser na nossa – tantas pessoas falaram sobre sexo e discutiram suas teorias; as revoluções sexuais pareciam ter acontecido definitivamente, e o saber científico produziu montanhas de páginas sobre o tema. O poder parecia ter perdido ou esquecido o controle rígido que vinha exercendo sobre as práticas sexuais, os códigos do sexo e o elenco de suas representações.

A partir das décadas de sessenta-setenta, em função da Revolução sexual, a pornografia espalhou-se em nome da liberação sexual como promessa de uma humanidade mais tranqüila e feliz. Houve, e há ainda, um verdadeiro furor erótico comandando as cabeças, se não todas, pelo menos as que respiram no ocidente.

A partir da segunda metade do século XX há uma indústria pornográfica que desabrocha mundo afora, erotizando a vida social. Aparecem, então, estudos e pesquisas sobre sexualidade, estimulados pelo avanço da psicanálise, e, mais para frente, pelas discussões dos grupos feministas e homossexuais.

2.2 Pornografia, cultura e sociedade

Em nosso tempo, a velocidade das transformações culturais no campo da sexualidade, sobretudo após os anos sessenta – marcados pela revolução sexual e por radicais manifestações estudantis, em que sexo e política se aproximaram de modo explosivo – embaralhou conceitos, fez ruir instituições, apontou novas direções para o comportamento e trouxe muitos questionamentos.

Não existe expressão mais evidente da dificuldade de delimitar a pornografia, tanto ao nível individual como social, do que a famosa definição, mencionada em quase toda bibliografia consultada, atribuída ao juiz da Suprema Corte americana, Potter Stewart, em 1954: “Eu não sei o que ela é, mas reconheço quando vejo uma”.

Na verdade, as relações entre o consumidor e o produto, ou entre imaginação/fantasia, individual e pornografia, se inscrevem no domínio das interdições e passam pela forma particular que cada pessoa tem de transgredir, de introjetar e ao mesmo tempo projetar o imaginário, “de saber a dor e a delícia de ser o que é”. Desse modo, uma imagem ou texto não podem de maneira nenhuma ser pornográficos, simplesmente, porque a pornografia está nos olhos ou na intenção daquele que olha. “Sou eu que possuo um julgamento e eu devo ter uma medida para assumir o risco de me questionarem sobre esse julgamento” (Abreu, 1996, p. 175).

Do ponto de vista da sociedade, podem-se destacar três grandes tendências, com muitas subdivisões, que se entrecruzam e se confrontam no posicionamento em relação a pornografia: os conservadores (também chamados moralistas), os liberais (no sentido dos costumes e do comportamento) e os libertinos. E, atualmente, uma força complicadora, as feministas, que poderiam se situar entre liberais e conservadores, por motivos diversos. De maneira geral, todas essas correntes tendem a concordar que pornografia é um atributo inerente de certas representações.

Os conservadores, apoiados nas tradicionais noções cristãs, concebem a sociedade em declínio e sob ameaça. Pornografia, argumentam, é uma classe de representações que isola uma atividade física — sexo ou violência — do contexto social que poderia justificá-la como uma atividade ou mostrar suas conseqüências, e que visa somente excitar o observador. A pornografia, dessa perspectiva, poderia estimular um comportamento anti-social onde ele não

deve ter existido antes, e é tanto sintoma como causa da decadência dos valores morais e sociais. Nesse campo encontram-se organizações que funcionam como *lobbies*, exercendo pressão sobre os mecanismos judiciais, de modo a coibir a circulação dos produtos pornográficos. Muitas dessas entidades, hoje, encontram-se enfraquecidas.

Para os liberais a pornografia não possui qualquer vínculo definido e comprovado com violência, definindo-se como um exercício da imaginação humana como outro qualquer. Resguardados os cuidados óbvios com a exploração de crianças, as “perversões” pornográficas significam apenas uma expressão de fantasias, muitas vezes reprimidas, constituindo-se mais em forma de divertimento, excitação ou mesmo de ultraje do que em ação contundente contra a ordem social. Os liberais poderiam fazer coro a esta frase: “ ‘pornografia’ foi o nome que eles deram à estranha zona onde o caos subsistiu a salvo dentro da ordem” (apud Nuno Abreu, 1996, p. 34). Por “eles”, entenda-se as forças sociais dominantes (ou hegemônicas) que regulam as interdições, e que aos liberais interessa transgredir, já que acreditam que os indivíduos adultos, por uma decisão pessoal consciente, podem ter assegurado o direito de consumir produtos pornográficos, cuja existência legal deve ser garantida.

Os libertinos são muitas vezes confundidos com os produtores de material pornográfico, já que poucos consumidores assumem se posicionar nesta corrente, identificada com o próprio conteúdo da pornografia. Os que atuam na indústria, quando se manifestam, argumentam que fazem um trabalho como outro qualquer, ou se utilizam dos interstícios das outras definições, alegando justificativas como função social, liberação, sublimação, atendimento ao gosto popular. Os libertinos consumidores, quando se definem como tal, podem se situar como radicais apreciadores da excitação lasciva ou ultrajante, mas podem também se aproximar do campos da patologia, se substituírem as atitudes reais na vida cotidiana pelo consumo da pornografia.

A essas correntes de opinião vem se somar a posição feminista que, juntamente com os setores homossexuais femininos e masculinos, compõem um grupo a que se poderia chamar de libertário. No interior dessa corrente, mais do que nas outras, é possível distinguir diferentes posições, setores contra e a favor (ou que não condenam) das representações

pornográficas. Desde os anos 80, a questão da pornografia vem ampliando sua importância nas reflexões dos grupos feministas sobre as relações entre os sexos ou, mais atualmente, entre os gêneros. De maneira geral, entende-se que os homens são sujeitos da pornografia, que é produzida para sua gratificação e seu prazer; e as mulheres, os objetos.

Posições feministas mais radicais concebem a sociedade como constituída por um antagonismo entre os sexos, condenando a pornografia por sua relação com abuso sexual ou a violência. Deste ponto de vista, a sexualidade e suas representações são profundamente marcadas pela identificação dos homens como agressores e das mulheres como vítimas. Palavras de ordem, tais como “pornografia é a teoria, estupro é a prática”, informam uma trincheira de luta antimachista ou contra a sociedade patriarcal e falocrata. Estes conceitos, mais fortemente defendidos durante os anos 80, estariam sendo usados, hoje, como “metáfora da opressão dos homens contra as mulheres”, na perspectiva de que, mesmo incorporada ao cotidiano, a pornografia é “um poder abusivo”. Ou já fazem parte da onda do “politicamente correto”, que pensa retificar a realidade alterando as nomenclaturas.

No interior do feminismo existem setores que pensam a pornografia como uma forma de expressão que pode alcançar nível artístico, “feminilizando” de algum modo as representações ao situar a mulher como sujeito e como produtora de material pornográfico. Há também uma outra linha de pensamento que, embora não condene a pornografia, não quer discutir seus aspectos artísticos, vendo nela apenas a possibilidade de politizar o sexo, no terreno da igualdade. Em outras palavras, acredita “no direito da mulher de ‘foder’ tão agressiva, tirânica e cruelmente como os homens”.

Interessante anotar que, nas várias correntes ideológicas, um avanço nas reflexões sobre a sexualidade (em sentido social), sobre as relações entre os sexos, foi deflagrado pela representação pornográfica, que acabou cumprindo um papel inusitado: o de deslocar o debate da moral para a política, colocando em cena as questões do poder e do saber. Além do desejo. De acordo com a reflexão de Nuno Abreu (1996, p.37).

Esse deslocamento talvez seja um sinal de que alguma coisa foi superada, de que os (tradicionais) conceitos morais, padrões de comportamento e valores estéticos foram ultrapassados por outros

ainda indefinidos. Ou será a indefinição característica dessa “nova ordem”? Hoje, a própria pornografia pode não ser o que se lhe atribui.

2.3 A imaginação pornográfica

No jogo da representação erótico-pornográfica, o imaginário e a fantasia cumprem um papel de importância inegável; como protagonistas, somente podem ser contrastados pela realidade, que está em toda parte, se a quisermos encontrar. Susan Sontag (1987, p.62) sugere que

O erotismo vive sua plenitude no domínio da fantasia e se realiza plenamente no terreno da ficção. O exagero pornográfico, por vezes, prenuncia o erótico, e talvez seja melhor compreendido se referido ao universo da imaginação, onde o excesso pode se constituir na essência de sua mensagem.

Esse excesso que caracteriza a pornografia seria motivado pela carência. A imaginação pornográfica trabalharia para suprir uma ausência, uma falta, um vazio. Quer colocar em cena. E o faz tão exageradamente que pode, por saturação, chegar ao vazio. Tanto na produção quanto no consumo, e nas relações entre ambos, o excesso pornográfico evidencia sua motivação subjacente.

Na observação de Sontag estão concentrados, de modo exemplar, alguns dos conceitos que envolvem a pornografia – fantasia, ficção, imaginação. Seus significados são bastante próximos, pode-se dizer que se interpenetram, vulgarizados pelo senso comum, que ampliou seus campos semânticos.

As significações dicionarizadas de *fantasia* incluem: “obra ou criação da imaginação; concepção, imaginação; devaneio; capricho; excentricidade”. A *ficção* é descrita como “ato ou efeito de fingir; simulação, fingimento; coisa imaginária; fantasia, invenção, criação”. *Imaginação*, por sua vez, é definida como a “faculdade de quem tem o espírito de representar imagens; fantasia; criação, invenção; invenção ou criação construtiva, organizada (por oposição a fantasia, invenção arbitrária)”.

Como se nota, essas definições se entrecruzam: fantasia pode ser entendida como ficção, que pode ser entendida como imaginação, que por sua vez pode ser tomada por fantasia. Entretanto, a partir dessas conceituações mesmas, podemos tentar uma delimitação mais precisa. Desse modo, é possível definir ficção como uma obra da imaginação que pressupõe uma deliberada atitude de simulação, de fingimento; a criação de uma “coisa imaginária” em palavras e/ou imagens, estruturada por um discurso, numa certa organização lógica que tende a produzir significados. A imaginação (criadora), além de uma faculdade do espírito, também pressupõe uma atividade mental construtiva.

Fantasia parece ser o conceito mais complicado e difícil de delimitar, já que envolve outros níveis do processo mental. Como informam J. Laplanche e J.B. Pontalis (1979, p.169), fantasia se constitui num “roteiro imaginário em que o sujeito está presente e que representa, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo e, em última análise, de um desejo inconsciente”. Freud usa o termo fantasia para denotar imaginações conscientes (ou sonhos diurnos) e inconscientes (com estrutura similar aos sonhos noturnos), assentando suas origens em material reprimido, cuja análise do conteúdo do manifesto poderia revelar o modo pelo qual a proibição está presente na formação do desejo que motivou o sonho ou a fantasia.

A relação entre desejo e fantasia é complicada: em Freud algumas vezes os termos parecem se fundir; em outras, desejo é visto como um caminho de articulação da fantasia ou vice-versa, na leitura de Laplanche e Pontalis (1979, pp.172-173):

O desejo tem a sua origem e o seu modelo na vivência da satisfação: “o primeiro desejar parece ter sido um investimento alucinatório da recordação da satisfação”. (...) Na medida em que o desejo está articulado na fantasia, este é igualmente lugar de operações defensivas; dá oportunidade aos processos de defesa mais primitivos como o retorno sobre a própria pessoa, a inversão (de uma pulsão) em seu contrario, a negação, a projeção. Essas defesas estão, por sua vez, indissoluvelmente ligadas à função primeira da fantasia – a *mise-en-scène* do desejo -, *mise-en-scène* onde a *interdição* está sempre presente na própria posição do desejo.

Encontra-se também na teoria freudiana o conceito de “fantasia originária”, para denotar fantasias primais, estruturas inconscientes fundamentais que transcendem a experiência

individual. Os temas destas fantasias possuem uma característica comum: todos se referem à origem. Como os mitos coletivos, elas pretendem contribuir com uma representação e uma “solução” para aquilo que aparece (para a criança) como enigmas; dramatizam, como momento de emergência, como origem de uma história, o que surge para o sujeito como uma realidade de tal natureza que exige uma explicação, uma “teoria”. Estes enigmas estão localizados: na “cena originária”, na qual é a origem do sujeito que se vê figurada, enigma resolvido pela fantasia do romance familiar ou do retorno às origens; na origem do aparecimento do desejo sexual (ou da sexualidade), solucionado pela fantasia da sedução; na origem da diferença dos sexos, cuja solução se dá pela fantasia da castração.

Na pornografia (e seus produtos) podem ser encontrados materiais do enigma da origem do desejo sexual, na forma da fantasia da sedução, e também o da fantasia da castração, reafirmando a diferença sexual.

Laplanche e Pontalis sustentam que a maioria das fantasias são alocadas na junção de um evento real irrecuperável, que aconteceu em algum lugar do passado, e um evento totalmente imaginário que nunca teve lugar.

Fantasia é tanto uma narrativa que ordena a procura de um objeto do desejo como um ambiente para o desejo, um lugar onde consciente e inconsciente, si mesmo e o outro, parte e totalidade se encontram. Fantasia é o lugar onde as subjetividades oscilam entre o eu e o outro, ocupando um lugar não-fixo (indeterminado) no enredo (apud Nuno Abreu, 1996, p.23)

Esta definição, ao pressupor a existência de um “outro” e de um “ambiente” para o desejo, parece bastante útil a uma abordagem da pornografia, posto que a fantasia pornográfica sugere uma relação, uma tentativa de encontro entre duas “fantasias”: a veiculada no produto, oferecida como articulação discursiva, e a do consumidor que, assim, procura articular, atualizar seu próprio (e irrecuperável) discurso (narrativa) sobre o desejo. De qualquer maneira, fantasia é um território propício ao obsceno.

Segundo Susan Sontag (1987, p.61)

(...)o obsceno é uma convenção, a ficção imposta sobre a natureza por uma sociedade convicta de que há algo de vil nas funções sexuais e por extensão no prazer sexual(...)o obsceno é uma noção primal do conhecimento humano, algo de muito mais profundo que a repercussão

de uma aversão doentia da sociedade ao corpo. (...) Por mais domesticada que possa ser, a sexualidade permanece como uma das forças demoníacas na consciência do homem(...).

Quase sempre associada às forças maléficas, algo que provém do lado obscuro da mente, a pornografia (veiculadora do obsceno) opera uma sexualização da realidade, erotizando, com o fantasiar exacerbado, qualquer representação do mundo. A fantasia pornográfica materializada na ficção – que por sua vez é também simulação, fingimento – pode representar, de modo extremado, a interminável e desesperada busca do desejo e a possibilidade de sua realização através do imaginário.

Esse lugar – “estruturas inconscientes fundamentais” – onde se aloca ou se origina a fantasia associa-se ao que se denomina Imaginário. De acordo com Inimá Simões (apud Nuno Abreu, 1996, p.24),

(...)o que chamamos de imaginário é a base psicológica para a constituição da ideologia, sua matéria-prima de origem inconsciente, desejante, projetada para o nível dos códigos da consciência. As projeções do imaginário tentam simular o fim da divisão entre as demandas individuais, inconscientes, e a ordenação social que bloqueia a satisfação dessas demandas. (...) Enquanto os elementos do imaginário se originam de carências e demandas humanas mais permanentes – o desejo, o medo da morte, os sentimentos de angústia e solidão, a identificação com o conjunto da humanidade etc... – e mais profundamente arraigadas na estrutura do inconsciente, a representação ideológica, constituída também a partir desses elementos, procura adequá-los às exigências “realistas” do momento histórico.

Em outras palavras, na tentativa de se compatibilizar o que se é com o que se pretende ser, é possível encontrarmos num repertório de imagens e mitos (individual mas necessariamente cultural) aqueles que façam a mediação entre as aspirações e a situação real de cada um.

A ideologia reelabora e atualiza a percepção do real, fornecendo elementos para o imaginário, cuja “lógica” pode ser buscada tanto no inconsciente quanto na história.

Na caracterização da pornografia, deve-se levar em conta também o fascínio pela aventura transgressiva. Como queria o Marquês de Sade, “o único modo de prolongar e multiplicar os nossos desejos é impondo-lhes limites”. É o sentimento da transgressão, que revela o prazer, está intrinsecamente relacionado à proibição. Desse modo, a exposição do obsceno seria uma

verdadeira celebração do prazer (igual a desejo) que, preso nas armadilhas das interdições, se liberta na forma da transgressão. O conteúdo pressuposto do erotismo é a ultrapassagem de limites – o êxtase, a vertigem, o excesso, o transbordamento do prazer – que apaga a nitidez de algumas das linhas que demarcam as diferenças entre cultura humana e Natureza. Ou, quem sabe, parafraseando Sade, a procura incessante de um limite inexistente. Nesse sentido, a pornografia talvez exista “para ordenar esta desordem, para restaurar a ordem cultural como uma forma de transgressão organizada” (Moraes e Lapeiz, 1985, p.55).

Pode-se tomar como consensual a idéia de que a pornografia se funda na ilusão. Seja para argumentar contra ou a favor dela, palavras como engodo, armadilha, alucinação, simulação e outras apontam para um mesmo sentido: trata-se sempre de uma relação direta com o imaginário. É aí, neste real ausente, que ela opera. Ao se pôr em contato com o produto pornográfico, o consumidor carrega suas ilusões, os seus fantasmas, as suas fantasias. O interdito possui por função dissimular essa “ausência”, ao provocar o encanto pelo proibido: a proibição somente ganha sentido se transgredida. Assentado na fantasia, o obsceno remete-se diretamente ao imaginário (individual e social) e a pornografia – como forma de transgressão organizada – age culturalmente simulando desvendar os mistérios do erotismo, burlando os segredos da interdição.

3. A PORNOGRAFIA QUE QUIS SER CIDADÃ

Presente em toda parte, na rua como em casa, através de anúncios, das publicações, literatura, rádio, televisão e internet, a pornografia está mais real do que nunca.

É possível ver-se, hoje, o obsceno, já que precisamente, ele é exibido. Vemo-lo tanto em toda parte e continuamente, que dele nos tornamos espectador. Espectador indiferente ou perverso, habitual, míope, lúcido ou amador, pro ou contra. Nossa civilização de representações, móveis ou imóveis – cinema, televisão, fotografias, literatura e publicidades – é uma civilização de representações erotizadas.

A pornografia desabrochou numa época na qual as transgressões e interdições se embotam. O relaxamento das normas sociais, dos tabus religiosos e a vulgarização da psicanálise criaram, para a humanidade, uma consciência nova que aceita, sem horror, os impulsos incestuosos, os desejos orais e anais, a prática do amor homossexual. Assim, pouco a pouco, o vício – compreendido e, então admitido – se aproxima da virtude, de acordo com uma moral que defende a tese de que o prazer não seja somente agradável, mas sadio, isto é, que seja útil no sentido integral da palavra. Essa nova moral se orienta no sentido de convencer o público de que um prazer pode e deve ser conseguido sem sofrimento, bastando que seja pago em espécie. A antiga norma da Igreja – amar para procriar – foi substituída pela norma hedonista: amar, mas sem gerar filhos.

Uns alegam: o prazer tomou conta da sociedade. O instinto triunfa. Tudo afirma isso e para isso concorre: a escrita e a imagem, e mesmo, a filosofia, a história, as ciências. Outrora, dissimulado sob uma capa, desterrado no inferno das bibliotecas, transferido do centro urbano para as ruelas sombrias, o obsceno conquistou seu lugar em pleno sol. Na opinião de Violet Morin (1967, p. 88), “locais anteriormente reservados, Sodoma e Gomorra brilham, daqui por diante, em toda parte à luz dos projetores”.

Cinema, literatura, imprensa e, mesmo, música, sem falar da publicidade, tudo multiplica, com efeito, pela imagem ou pela palavra, o apelo ao instinto e ao desejo. Tudo nos convida a crer que os assuntos relativos a sexo invadem, de mais a mais, a inteligência e o raciocínio do homem, conquistando assim sua existência e orientando seu comportamento. Há uma onipresença do apelo ao desejo sexual.

É possível perceber o “desabrochar” da pornografia numa constatação do cronista Eugênio Bucci em artigo para o Caderno B, do Jornal do Brasil (19.07.2001) sobre um livro

pornográfico e auto-biográfico, *La vie Sexuelle de Catherine M.*, escrito por uma renomada diretora da redação de uma revista de arte:

A pornografia quer deixar a alcova, já não se contenta com sua existência clandestina, mas quer passar à luz do dia. Ela dá mais um passo para sair do gueto. Como discurso, ela parece buscar reconhecimento e aceitação no espaço público – mais ou menos como o movimento gay busca legitimar-se como opção. Haverá um lugar ao sol para os pornógrafos? Ou eles sempre serão marginais e marginalizados? Assim como hoje existe uma diretora de revista de arte notoriamente libertina, poderá haver no futuro um ministro libertino? Será, enfim, que, dentro de algum tempo, ser libertino praticamente declarado, assim como Catherine M. diz que é, será algo tão corriqueiro como ser homossexual assumido? (BUCCI: 19.07.2001, Caderno B, Jornal do Brasil).

3.1 *Sexualidade como mercadoria*

A pornografia se institui no espaço “obsceno” produzido pelas contradições e ambigüidades sobre suas delimitações. A (in) articulação das definições, seja no âmbito legal (jurídico) ou no social (o que a pornografia representa na vida comunitária), proporciona a existência de um território movediço onde uma indústria constrói sólidas bases, mesmo aceitando seu status de pária das práticas representacionais.

Sexualidade é algo massivamente presente em nossa cultura, mas quase sempre sujeito a limitações. Embora tenha sido exaustivamente definida por uma série de discursos especializados (medicina, psiquiatria, criminologia, sexologia, etc), suas manifestações públicas se apresentam mais por alusão do que por descrição. Formas de humor, representações da mulher, roupas (a moda), as intenções eróticas implícitas na publicidade, entre outras práticas, sempre evocam sexualidade. Elas não descrevem, definem ou expõe diretamente práticas sexuais, mas apontam obsessivamente em direção a elas. A sexualidade encontra na pornografia um veículo para se expor publicamente e uma indústria se desenvolve para produzir e comercializar as

representações interditas, assegurando sua circulação no espaço permissivo instituído na encruzilhada das incertezas, do moralismo, da liberação dos costumes e seus amparos legais.

Por outro lado, o modelo triunfante da economia de mercado/sociedade de consumo tem sabido absorver as “heresias”. Se a sociedade ocidental de hoje pode se dizer permissiva, ela é, antes de tudo, mercantil: uma “nova moral” pode significar também um bom “novo negócio”. O erótico-sexual-permissivo irrompe numa época em que o relaxamento de normas sociais, de tabus religiosos e a vulgarização da psicanálise permitiram um afrouxamento das linhas demarcatórias das transgressões e das interdições.

Assim, pouco a pouco, o vício – compreendido e, então, admitido – se aproxima da virtude, de acordo com uma nova moral que defende a tese de que o prazer não é somente agradável, mas sadio, isto é que ele é útil no sentido integral da palavra (...) Eros tornou-se uma função oficialmente reconhecida. O prazer está compreendido na economia moderna. A palavra de ordem do sistema novo, que triunfa na imprensa e na publicidade, é, senão “tudo para o prazer, ao menos, “tudo com prazer; inclusive “no prazer”.(Morin e Majault, 1967, pp. 36-37).

Com o desenvolvimento da indústria cultural, a pornografia se traduz em produtos, de acordo com os princípios de produção em massa. A representação transgressiva da sexualidade ganha formatos e padrões, tornando-se mercadoria, cuja circulação se faz influente na estruturação da sexualidade nas chamadas sociedades de consumo. Essa ordenação do obsceno implica uma delimitação do que seja pornografia, que pode ter todas as variáveis, mas, seja o que for, precisa sempre parecer proibida. O produto pornográfico deve ser consumido como algo interdito, pois através da transgressão se estabelece uma relação simbólica com o consumidor. Oferecendo sexualidade como mercadoria embalada sob forma discursiva, ele possibilita a liberação catártica (em sentido amplo) das fantasias (reprimidas ou não) de seus consumidores – mentes, e corpos libertinos, liberais, libertários ou moralistas –, transformando seus fetiches em desejos ou seus desejos em fetiches. Há para todos os gostos e apetites. Consume quem quiser (ou puder).

A pornografia parece carregar um fardo histórico, desde sua etimologia – *pornos* deriva do verbo *pernemi*, que significa vender (Castello Branco, 1984, p.22) – ao seu próprio sentido material. A pornografia é uma espécie de prostituição, sendo venal porque ela não existe

senão numa relação comercial e esta relação é sustentada pela interdição que a produz. Embora sustentada pela interdição, um atributo que lhe é fundamental, marcar o consumo da pornografia com a pesada carga estritamente mercantil parece equivalente a propor, com algum preconceito, separar o produto pornográfico – a sexualidade como mercadoria – de todas as outras mercadorias sociais em circulação.

É importante assinalar que a cumplicidade do consumidor com o produto pornográfico não é, de maneira alguma, de carácter intelectual. Pelo contrário: a pornografia quer como interlocutor de seu discurso o próprio corpo do indivíduo, e o seu objetivo principal é o de excitá-lo sexualmente. Por essa razão, ela nunca privilegia o “final-da-estória”, mas sempre os clímax parciais alcançados com as repetições compulsivas que se verificam nas narrativas circulares.

Além disso, não se pode requerer que a produção pornográfica, tal qual a psicanálise ou a sexologia, responda a questões sobre sexualidade e desejo, por exemplo, dado que ela não trabalha para resolver questões mas para comercializar a exploração das questões e das “respostas”. Desse modo, a indústria pornográfica não organizaria representações, mas modos de comercializar seus produtos, o que conduz a atenção para as suas condições de produção e consumo. Não obstante, a leitura de suas representações parece fazer parte inseparável de sua proposta “comercial”.

A distinção entre obras eróticas e obras pornográficas, hoje, pode também atravessar a problemática questão de distinguir cultura de massa e cultura erudita. Sob o rotulo de erótico estão abrigadas aquelas obras que abordam assuntos relativos à sexualidade com teor “nobre”, “humano”, “artístico”, problematizando-os com “dignidade” estética, e de pornográfico, as de carácter “grosseiro e vulgar”, que tratam do sexo pelo sexo, produzidas em série com o objetivo evidente de comercialização e de falar somente aos instintos. De toda maneira, a despeito de qualquer distinção entre os produtos, a emergência da representação pornográfica como um “problema” social contemporâneo e sem precedentes diz respeito à cultura de massa. Principalmente dos anos 60 em diante, quando se estrutura mais firmemente a produção massiva

de todo tipo de publicações dirigido a um público amplo e (in)discriminado, “democratizando” o obsceno.

Numa tentativa de delimitação técnico-mercadológica, os produtos caracterizados pelo excesso de exposição de ações sexuais explícitas foram nomeados *hard core* (pornográficos), e aqueles marcados pelo sexo implícito, encoberto, sugerido, de *soft core* (eróticos). Essa separação, instituída como um modo de segmentar o mercado, de tratar o produto, acabou por gerar uma demarcação hoje “socialmente estabelecida”.

Hoje incorporado ao vocabulário das definições de pornografia, *hard core* praticamente se confunde com a qualificação de material que explicita atividades sexuais. *Soft core* surge posteriormente, provavelmente por analogia.

Uma discussão sobre pornografia pode ganhar em consistência se for tratada como um item da história social, o que implica por um lado, situá-la como fenômeno psicológico (que pode ser entendido como impulso primal ou como sintoma de formação) e, por outro, distinguir a produção e o consumo de material pornográfico como modalidades crescentes no mercado de bens culturais. A ampliação do espaço ocupado pela comercialização do obsceno não aconteceria sem a contrapartida do consumo, se não respondesse a uma “necessidade” do consumidor. Não se pode imputar apenas à engrenagem industrial a imposição de seus produtos. Entretanto, é possível pensar que as relações entre oferta e procura na esfera cultural – do imaginário (como construção social) e do simbólico (como construção da linguagem) – podem conter problemas específicos.

3.2 *Estética do obsceno*

O consumo imaginário só se realiza por meio do estético. A pornografia ao ser consumida aciona no indivíduo um mecanismo todo particular: o seu imaginário.

Existe, na relação estética, uma participação ao mesmo tempo intensa e desligada, uma dupla consciência. O leitor ou espectador de uma obra pornográfica entra num

universo imaginário que, de fato, passa a ter vida para ele, mas ao mesmo tempo, por maior que seja a participação, ele sabe que lê um livro obsceno ou vê um filme pornô.

Na relação estética do leitor ou espectador com o produto pornográfico, a vida é colocada entre parênteses. Mas mesmo, com essa colocação entre parênteses, apenas porque procura evasão ou divertimento, essa relação pode desempenhar um papel consolador ou regulador na vida, seja orientando as pressões interiores em direção às vias de escapamento imaginárias, seja permitindo as satisfações psíquicas, análogas, em certo sentido, à satisfação onanista.

Segundo Edgar Morin (1997, p 120)

(...) o erotismo imaginário, isso é, dotado de imagens e de imaginação, (...) se adapta ao erotismo vivido, que não é somente multiplicação da estimulação epidérmica, mas também multiplicação dos fantasmas libidinosos.

Dessa forma, o que pode parecer um afloramento do instinto do prazer, apenas produz uma satisfação pré-fabricada, descartável e imediatamente repostas pela máquina do consumo.

b. *Consumo e violação do proibido*

A pornografia é a experiência do limite, a experiência-limite, a experiência da transgressão. É mediante esta constatação, que o produto pornográfico deve ser consumido. Se não existir o conhecimento claro de que se trata de uma transgressão, não existirá prazer ou, pelo menos, aquele prazer excessivo, aquele extraprazer procurado que transcende o prazer habitual.

É necessário acrescentar que a eficácia do consumo, que se dá através do imaginário e da transgressão do proibido, é ratificada pelo sentimento de vergonha que acompanha a excitação. Segundo Freud (1972, p.157), “a força que se opõe à escopofilia (prazer em olhar), mas que pode ser por ela sobrepujada (...), é a *vergonha*”. Desse modo, um certo sentimento de vergonha – uma espécie de contradição entre o desejo (igual a prazer de olhar) e a

proibição – é necessário ao “diálogo” entre consumidor e o produto pornográfico. Este sentimento é essencial, reforçando uma relação de cumplicidade entre as fantasias em jogo.

O consumo da pornografia *deve* sempre guardar a impressão de que uma proibição está sendo violada. A violação do proibido é estrutural à natureza da pornografia.

Mesmo tendo se tornado um negócio institucionalizado, sujeito às regras de mercado, a mercadoria pornográfica precisa estar investida de um teor que a qualifique como interdita, como “proibida”. Mas isto parece ter se transformado numa espécie de *aura*, em sentido análogo ao atribuído ao termo por Walter Benjamin (1969). Esta aura é que permite ao pornô manter a sedução do proibido e a ilusão da transgressão, sem o que ele não se realiza como produto, tornando-se, mesmo, parte essencial de seu conteúdo, daquilo que ele tem para oferecer e o que o consumidor espera encontrar.

Sendo consumida como algo interdito, a pornografia dá forma discursiva e vazão catártica às fantasias reprimidas de seus consumidores, transformando seus fetiches em desejos.

Para Teixeira Coelho Neto (1980, p.185)

O obsceno é agora uma dimensão ao alcance ético, embora nem sempre ao alcance prático, imediato – razão pela qual o obsceno ainda continua como obsceno, numa linha de eventual extinção, que seria a passagem do obsceno para a cena.

Considerando a pornografia como um produto da indústria cultural, pode-se pensar, sob certo ângulo, que esta última está cavando sua própria sepultura: desidealizando o obsceno, mostra que ele está ao alcance cotidiano de qualquer um. Mas, estamos numa fase em que ocorre ainda uma mitificação do cotidiano, e por isso a indústria cultural ainda vende bastante. E apostar no breve desaparecimento da indústria cultural é ignorar uma das dimensões do imaginário obsceno tal como ele vem se mostrando nestes últimos trinta e poucos séculos de civilização dita ocidental-greco-judaica.

c. Obscena é a transgressão (Obsceno Conceitual)

“As experiências não são pornográficas, as imagens e as representações (estruturas da imaginação) é que o são”, observa Susan Sontag (1987, p. 54). As ações, os atos,

não são reprimidos; o que a sociedade “falsamente” condena é *falar* deles, ao mesmo tempo em que estimula sua confissão, como sugere Foucault (apud Nuno Abreu, 1996, pp. 30, 110)

O que é próprio das sociedades modernas não é terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem devotado a falar sempre dele, valorizando-o como o segredo. (...) Nossa civilização precisa falar de sexo, não somente para “confessá-lo”, mas para reconstruir, no ato e em torno dele (...) as imagens, desejos, modulações e a qualidade do prazer que o anima.

Um paradoxo muitas vezes sublinhado: um assassinato é um crime, mas a sua representação visual não o é, ao passo que um ato sexual não é um crime, mas a sua exposição pode se tornar um.

Para Teixeira Coelho Neto (1980, p. 178) a imagem da produção obscena (o ato) não é obscena, a menos que represente uma transgressão no domínio das imagens.

Uma imagem do amor não deveria porém ser obscena apenas por mostrar duas pessoas nuas e o pau de uma penetrando na outra, seja essa outra uma mulher ou um homem, e seja qual for o lugar penetrado. Uma imagem deveria ser obscena, transgressora, quando ultrapassasse os limites de um certo modo de representar: quando Picasso pintou suas *Demoiselles d'Avignon*, a tela resultante podia ser dita (como foi) obscena porque quebrava os códigos habituais de representação: não mais a mulher como “ela era” mas uma mulher cúbica, de arestas e triângulos, dividida, quebrada, alterada. (...) imagem obscena de uma cena amorosa seria a representação transgressora de uma cena amorosa.

Seguindo essa linha de raciocínio, que considera a transgressão como obscena é possível realizar uma analogia a arte conceitual. Em outras palavras: a arte conceitual consiste em “a arte está na cabeça de quem faz”. A pornografia, e, por conseguinte o obsceno, são funções de um imaginário. Isso significa que podem se manifestar de inúmeros modos, inclusive sob o modo conceitual. Desta forma porque não pensar que um dos modos do obsceno seja o conceitual? Pensa-se numa situação obscena, numa situação limite, e esse pensamento é capaz de excitar a ponto de levar ao orgasmo. Não terá sido praticado o ato obsceno, mas foi aberta a possibilidade de considerá-lo e aceitá-lo, tanto que se chegou ao mesmo ponto que poderia se alcançar se o ato tivesse sido praticado: o orgasmo. A prática obscena concreta procura a excitação e vive dela. Se um produto da indústria cultural conseguir excitar, terá cumprido seu papel.

4. HILDA HILST E A PORNOGRAFIA

Hilda Hilst, nasceu no ano de 1930, na cidade de Jaú localizada em São Paulo. Formou-se em Direito, mas nunca exerceu a profissão. Aos 36 anos, mudou-se para a Casa do Sol, situada em Campinas, e ali dedicou todo seu tempo à criação literária. A escritora faleceu no ano de 2004, aos 73 anos.

Hilda Hilst escreveu por quase cinqüenta anos poesia, prosa (ficção) e teatro. Obteve resultados notáveis nas três modalidades, tendo sido agraciada com os mais importantes prêmios literários do País.

A escritora passou anos em luta contra o esquecimento e o desdém da crítica. Além disso, ressentia-se pelo fato de não ser lida e, quando lida, de não ser compreendida pelo

leitor. Carregou durante toda a sua carreira literária a fama de escritora difícil e de poucos leitores, embora, tivesse plena consciência da qualidade de sua obra.

4.1 *A escolha da pornografia*

A poeta Hilda Hilst não ficou uma década que fosse sem receber algum dos prêmios literários disponíveis no País. Ganhou todos eles, assim como colecionou dezenas de elogios da crítica daqui e também da França, onde foi publicada nos anos 90.

Apesar dos aplausos dos especialistas, a escritora nunca gozou de muita penetração pública, e se ressentia dessa relativa obscuridade. Deve ter pensado, com acerto: de que vale o autor, ou sua obra, sem essa outra ponta do triângulo, que faz mover o fenômeno artístico: o público?

A ausência de leitores foi um fantasma constante para Hilda. Cansada, colérica, ela chegou então à conclusão de que era hora de provar uma bela dose de obscenidade. Afinal, Georges Bataille o fez, Henry Miller também, D.H. Lawrence, James Joyce e Anais Ninn o fizeram, por que não ela?

Desse modo, decidiu dar adeus à literatura séria, já que queria ser lida pelo grande público. Além disso, a indiferença dos editores a incomodava. Hilda alegava: “o mercado editorial deseja isso freneticamente”; “o país é bandalho, adora isso”; “o mercado não gosta do escritor que pensa”; “o que o editor quer mesmo é um escritor mediano, medíocre” (NETO: 04.07. 1990, Isto é Senhor, Isto é).

Movida por esse ressentimento e pela vontade de ser lida, lançou-se na pornografia com sua trilogia dita obscena, composta de “Caderno Rosa de Lori Lamby”, “Contos de Escárnio / Textos Grotescos” e “Cartas de um Sedutor”.

Se a literatura séria não vendia, ou seja, não atingia um público, será que este último não seria espicaçado pela literatura pornográfica? A obscenidade havia sido propositalmente buscada para concentrar as atenções da mídia. E conseguiu, a indignação

ressoava pelo mundo literário. Não era fácil compreender como uma notável senhora literária havia chafurdado na pornografia.

Em entrevista (28.06.2000) ao site WMULHER (www.wmulher.com.br), a escritora esclarece o seu ponto de vista:

Alguns críticos que gostavam muito do meu trabalho ficaram decepcionados, achando que eu tinha enlouquecido. Era uma atitude completamente absurda, porque há milênios a Literatura vem abordando a pornografia e o obsceno. Não sei por que tanto espanto, todos temos sexualidade e erotismo, somos seres com esses complementos. Temos sexo, genitália, desejos. Freud já falou disso tudo no começo do século. E passei a ser conhecida como uma escritora erótica, o que é muito estranho, pois dos quase quarenta livros que escrevi, só quatro deles tem esse tipo de abordagem. Pra mim foi uma delícia, uma brincadeira que eu considero de muito bom gosto.

Se no Brasil a “fase pornográfica” de Hilda Hilst causou estranheza e desconforto, fora do país ela foi recebida como uma surpresa maravilhosa e abriu as portas para o restante da obra da autora. Quando saiu na França a tradução de *Contos d’ escárnio*, em 1994, pela editora Gallimard, a crítica foi elogiosíssima.

Em função do sucesso de sua obra em Paris, Hilda foi entrevistada pelo jornal *Liberation*. A escritora divertia-se, “não consigo vender nem 500 livros no Brasil e vi esse amigo de Foucault me dar uma página no jornal” (NETO: 04.07. 1990, Isto é Senhor, Isto é).

O jornal chegou a dizer que, em seus livros, Hilda conseguiu elevar a pornografia à categoria de arte. “Bastou isso para que ninguém mais se interessasse em ler”, ela lamentou na época, certa de que a aprovação intelectual era um estigma ainda mais cruel que a acusação de obscenidade.

4.2 *A trilogia Caderno Rosa de Lori Lamby, Contos de Escárnio & Textos Grotescos e Cartas de um Sedutor*

Caderno Rosa de Lori Lamby é narração de uma menina de oito anos completamente à vontade ao contar uma série de aventuras sexuais que não passam, na verdade, de pura imaginação. Lori é uma menina dissertando fartamente sobre aventuras sexuais. Na

verdade, a menina quer apenas - secretamente - ajudar o pai, escritor cansado das exigências do seu editor, faminto por textos fáceis e com apelo erótico evidente.

Em *Cartas de um Sedutor*, a autora descreve o cotidiano de Karl, um homem rico, amoral e culto, que busca a explicação para sua incompreensão da vida através do sexo. Karl escreve e envia vinte cartas provocativas a Cordélia, sua casta irmã. Os textos das cartas se misturam à vida de Stamatius, um poeta que encontra no lixo os manuscritos de Karl. Após a primeira leitura, percebe-se que ambos - Karl e Stamatius - são a mesma pessoa em tempos e condições diversos, mas com posturas diferentes diante dos mesmos questionamentos.

Em *Contos de Escárnio / Textos Grotescos*, Crasso é o narrador de nome romano e comportamento chulo, que descortina suas lembranças e as envolve em um novelo ao lado de outras micronarrativas, nas quais reinam a bandalheira, o mau gosto e o excessivamente medíocre. Com *Contos d'escárnio/ Textos grotescos*, Hilda Hilst surge afiada para criticar, primeiramente, a literatura de baixíssimo nível. Composto em tom de sátira, o livro traz todas as características que marcam a prosa hilstiana: o enredo não guarda qualquer linearidade, às vezes o texto é lírico, outras vezes confirma o grotesco do título, diversos gêneros (desde o teatro até o certame poético) vão se sobrepondo e as personagens alternam momentos de confessionalismo a outros de crítica radical. O alvo de Hilda Hilst é o mercado de livros de pouca qualidade e a celebração do baixo nível que a autora enxerga na cultura brasileira.

4.3 Hilda e o texto pornográfico

O texto pornográfico ou erótico se apresenta como uma representação que depende da época, dos valores, dos grupos sociais, das particularidades do escritor, das características da cultura em que foi elaborada.

Hilda Hilst tinha plena consciência dessa relatividade da pornografia. Aos que ficaram chocados com suas obras obscenas, Hilda perguntava “o que é pornografia, o que é sujo, o que é imundo, porco para você?” (MORAES: 12.05.1990, *Idéias/LIVROS*, *Jornal do Brasil*).

Perguntada sobre o que considerava erótico, brincou:

Não sabemos o que é obsceno. Outro dia entrei no banheiro sem notar que um amigo tomava banho e ri tanto que tive que ser hospitalizada. Pensei: foi por esse detalhe que me emocionei tanto no passado? (MORAES: 12.05.1990, Idéias/LIVROS, Jornal do Brasil)

É válido afirmar que o objetivo da trilogia era, sobretudo, pôr em xeque o próprio conceito de pornográfico. “Na verdade, não se consegue saber o que é pornográfico”, comenta Hilda. Referindo-se ao *Caderno Rosa*, a autora esclarece “Lori Lamby é absolutamente inocente, seria como se o leitor estivesse vendo aquilo pela primeira vez”. Pode-se afirmar que, Hilda, em seu livro dá o pornográfico com uma mão e o retira com a outra.

Além disso, podemos perceber que a trilogia não passou de uma refinada estratégia de chamar um público a si. Entretanto, Hilda espertamente desconversava. A um estudante de artes cênicas, que foi cumprimentá-la por um dos livros da trilogia, ela retrucou: “Você sentiu tesão? Se não sentiu, não valeu nada”.

Hilda queria atingir o leitor em todos os níveis: intelectual, sensorial e, por que não, sexual. Uma marca comum a todos os seus textos, independentemente de seu estado de fragmentação, estranheza e irreverência, está na sua peculiar comunicabilidade.

Embora a autora tenha se preocupado em expressar uma experiência, esta não se dava a partir de um dado exterior, mas de um percurso interno (daí os constantes fluxos de consciência). Nessa viagem pelos meandros do ser, ela não procurava nada nem ninguém. Noções místicas se misturavam a vulgares considerações corporais.

Assemelha-se a um discurso de um louco, mas louco no sentido de quem atingiu um grau sofisticadíssimo de percepção, que precisa ser comunicado de um modo igualmente complexo. Difícil, por vezes, de ser compreendido.

Somem-se a isso as referências filosóficas, mitológicas e religiosas que encontramos, de maneira velada ou não, em seus textos. Elas aliam-se a esse fluxo desvairado de consciência e às constantes quebras de narrativa, em que, ocasionalmente, são inseridos trechos poéticos ou diálogos dramáticos, à feição de uma peça de teatro.

É no refletido afã de expressar tudo, de todas as formas, que deve-se entender a estranha comunicabilidade dos textos de Hilda. E se o público se afasta da ficção “séria” e de seus livros de poesia, por que não estimulá-lo pela via do sexo? Afinal, trata-se apenas de outra faceta do humano, do demasiado humano, que a autora pretendeu descrever-nos.

4.4 *Sintoma da virada*

É óbvio que a pornografia sempre foi objeto de interesse e, mais recentemente, de consumo. Entretanto, essa relação consumidor/produto, ou imaginação individual/ pornografia, na maior parte da história do homem com a pornografia, se inscreveu no universo do proibido.

Atualmente, a pornografia é um produto consumido lícitamente. Deixou de ser vista como algo que deve ser consumido de portas trancadas. A maneira estética de encará-la mudou, e hoje ela é um gênero cultural como tantos outros.

Hilda Hilst é um exemplo, dentre vários outros escritores, que captaram o poder e fascínio exercido pela pornografia. Desejando ser lida pelo grande público, a escritora, que não estava satisfeita apenas com o reconhecimento da alta cultura, arriscou-se no universo obscuro.

Hilda percebeu, num momento no qual a pornografia ainda se escondia, a atração que este gênero podia provocar. Num momento em que a pornografia estava num espaço de transição do obscuro para a cena, Hilda captou o fascínio e o interesse que o tema provocava, percebendo que num país onde predominavam bandalheiras, como ela mesmo dizia, só seria lida como desejava se se aventurasse no universo pornográfico.

Hilda, do alto de seu vasto domínio da linguagem, via com clareza o que o texto obscuro era capaz de alcançar. É possível dizer que a autora se encontrava no ponto da indiferença. Sua clareza decorria desta sua posição, isto é, conseguia ver, de fora, o alcance da pornografia. Via como alguém situado além da alta cultura e também da cultura de massa, como se estivesse num ponto neutro, que pode ver, prever e arriscar-se nos efeitos de tal gênero, tanto numa esfera quanto na outra. Pode-se definir este momento, como um sintoma da virada. Em

outras palavras, Hilda percebe como a pornografia poderia surgir de uma nova expressão, um novo olhar, deixando o âmbito do obsceno e alcançando explicitamente a cena.

5. PORNOGRAFIA E MÍDIA

Com o objetivo de verificar se a pornografia vem, ao longo dos anos, conquistando o espaço do explícito, passando a ser um produto comum do consumo cultural e, também identificar como o tema vem sendo tratado pela mídia nas últimas décadas realizou-se um estudo de caso do jornal *Tribuna de Minas*, veiculado em Juiz de Fora. A análise limitou-se aos

meses de julho e agosto dos anos de 1985, 1995 e 2005. Os meses e anos foram escolhidos arbitrariamente, com o intuito de verificar a ocorrência de assuntos relacionados à pornografia (e seus “derivados” sexo, sexualidade, erotismo) em matérias, artigos, notas, opiniões, ou qualquer outra forma de expressão encontradas no jornal.

A hipótese consistia na crença de que nas edições de 1985 pudessem ser encontradas ocorrências de pornografia ou assuntos a ela relacionados em pequena quantidade, abordadas por um viés conservador. Com relação às ocorrências referentes ao assunto nos jornais de 1995, esperava-se que fossem encontradas em maior quantidade, apresentando um caráter mais “liberal”, talvez isentas de carga moral ou julgamentos de qualquer espécie. O mesmo era previsto para as edições analisadas de 2005, contudo em maior escala nos dois aspectos (número de ocorrências e “caráter” conferido ao tema).

Dessa forma, seria possível comprovar que a pornografia, com o passar dos anos, se tornou um assunto - e porque não um produto – pertencente à cultura de massa, passível de ser encontrado e lido em jornais como qualquer outro segmento cultural.

5.1 1985

Nas edições de 1985, foram encontradas três notas na editoria *Sociedade*, sobre três modelos que posaram nuas. Um pequeno texto acompanhava as fotos. No texto, declaravam rapidamente como era posar nua, e o porquê de seu sucesso como modelo ou atriz, nada que se possa qualificar como “obsceno”. Em relativo destaque, a foto em posição sensual, mas com as modelos devidamente vestidas.

Também foram observadas três notas na editoria *Serviço*, na coluna *O que há de novo/ livros* (que integra a parte cultural do jornal) sobre lançamentos de livros que tinham como tema erotismo (*Diário Mínimo* de Umberto Eco e *O Polaquinha* de Dalton Trevisan) e sexualidade (*De Mariazinha a Maria* de Marta Suplicy). As notas consistiam em reduzidos comentários sobre a obra.

Ainda na editoria *Serviço* foi verificada a programação diária do cinema São Luiz - sala de exibição destinada a filmes pornográficos - que exibia os seguintes títulos nos meses

de julho e agosto: *As depravações de Miss Jones; Piggys; Hypersexual; Língua de Veludo; Que delícia de buraco.*

Além disso, encontrou-se na editoria *Cultura*, coluna *Saúde*, uma matéria intitulada “Sexologia. Apesar da importância, uma área profissional ainda incipiente em Juiz de Fora”, segundo a qual o desconhecimento das pessoas em relação a sexo e suas questões dificultavam a consciência da importância desta ciência.

Na editoria *Opinião*, coluna *Tribuna Livre*, encontrou-se o pequeno artigo “Amor, sexo e suas dimensões”, cujo autor era o presidente do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Viçosa, José Antônio Rodrigues Dias. O texto fazia uma breve reflexão sobre o amor e a sexualidade humana, culminando, entretanto, num argumento de ordem religiosa.

5.2 1995

Como era previsto, em julho e agosto de 1995, encontramos um maior número de ocorrências relacionadas ao tema.

Numa breve análise, pode-se dizer que o erotismo e a sexualidade estão muito mais presentes em todo o jornal, permeando matérias, fotos, notas de coluna social e a editoria cultura.

Nos *Cadernos de Domingo*, as matérias relacionadas à moda, na maioria das vezes, apresentavam um alto grau de erotismo (apelo reconhecidamente eficaz na busca pelo consumidor). Mas, uma especificamente, cuja manchete era “Verão promete ousadia explícita”, nos chamou a atenção. A invocação da sexualidade era notada, à primeira vista, na manchete e na chamativa foto, na qual a modelo estava em posição relativamente sensual, vestida com uma roupa extremamente justa e decotada. No texto também foi percebido o uso do erotismo, com o intuito de atrair o leitor/consumidor.

Também no *Caderno de Domingo*, na sessão vídeo, encontrou-se uma crítica ao filme “Tóquio em decadência”. A manchete e a foto evidenciavam o tema pesquisado. A foto, uma mulher de roupa íntima, numa posição extremamente erótica, quase pornográfica nos prendia o

olhar. A manchete “Entre a arte e o baixo erotismo” nos levava ao texto. A crítica (que pode ser caracterizada como negativa) expunha claramente o enredo do filme como uma seqüência de episódios grotescos de sado-masiquismo.

As ocorrências observadas no *Caderno Dois* (editoria de cultura) foram as mais diversas. Uma nota intitulada “Erotismo” na coluna social, dizia que a música *Vira-Vira* da banda *Mamonas Assassinas* “escandaliza pela sua letra altamente erótica”. Encontrou-se também uma matéria sobre a acusação de conduta lasciva ao ator inglês Hugh Grant, em virtude do episódio no qual ele foi flagrado com uma prostituta. A matéria aborda de maneira cautelosa o episódio, não citando o fato ocorrido, e se restringindo a falar sobre a multa que o ator teria de pagar, que ele e a namorada ainda estavam juntos e sobre a estréia de seu filme. Além disso, também foi encontrada uma matéria sobre o lançamento de um livro que “traduz sexualidade sob o olhar antropológico”. O texto mencionava diversos aspectos abordados pelo livro, como a alma, o espírito. A sexualidade (que era o chamariz da matéria) só foi citada em um pequeno parágrafo.

Nas editorias *Barbacena* e *Internacional*, observou-se a ocorrência de duas matérias que se referiam a sexo; “Polícia descobre orgia sexual em lote vazio” e “China proíbe”. A primeira relatava a orgia e o uso de drogas, que permitiu à polícia chegar a traficantes procurados. A segunda noticiava a invasão pela polícia chinesa em uma entrevista coletiva, “na qual uma idosa ‘mulher de conforto’ relatava em prantos seu sofrimento como escrava sexual para soldados japoneses na segunda Guerra Mundial”.

Foi verificada também uma extensa matéria no caderno Cidade Especial sobre prostituição. Sua manchete era “Camisinha muda as regras da prostituição”, e abordava abertamente assuntos como variações na tabela do sexo; a vida das meninas de programa, tratando o sexo como uma forma de trabalho.

5.3 2005

Contrariando as expectativas, as ocorrências encontradas em julho e agosto desse ano foram poucas, se comparadas as de 1995.

Na editoria de cultura, o *Caderno Dois*, verificou-se uma nota intitulada “Sexo, patriotismo e religiosidade”, sobre o lançamento da discografia completa de Roberto Carlos. O “sexo” só é citado quando fala-se das letras das músicas com insinuações eróticas.

Outra ocorrência nessa editoria foi a matéria “Canal gay vende 5 mil pacotes por final de semana”. O texto discorre sobre o canal que transmite filmes pornográficos *hard core* para gays e sobre o mercado para este tipo de produção no Brasil, além de relacionar o aumento nas vendas à parada gay acontecida em São Paulo.

Observou-se também nesta editoria, uma sessão que aparecia sem periodicidade certa, denominada *Consultórios*, na qual os leitores enviam perguntas relacionadas a sexo e outros assuntos (beleza, saúde) que são respondidas por profissionais específicos. As perguntas são feitas claramente, sem meias palavras, uma vez que o questionador não é identificado. A resposta é dada quase em linguagem científica.

Verificou-se também, uma matéria na editoria *Geral*, cuja manchete era “Homem é detido por ato obsceno”. O texto noticiava a prisão de um homem que freqüentemente era visto na porta de escolas, abaixando as calças e se masturbando na frente de mulheres e crianças.

Também foi encontrada uma matéria de capa sobre prostituição, “Parque Halfeld é vitrine de exploração sexual de meninas”. A notícia continuava na editoria geral e abordava a prostituição num lugar público de grande movimentação na cidade. O texto extremamente claro tratava o assunto como um problema social. As fotos destacavam o trabalho dos jornalistas, que ficaram de “tocaia” observando a movimentação das jovens prostitutas.

Além dessas ocorrências, foram observadas, nas editorias *Geral* e *Brasil*, diversas notas sobre abuso sexual (2 ocorrências), estupro(3 ocorrências), prostituição(3 ocorrências). Essas notas encontravam-se em meio a vários outros assuntos do cotidiano, inseridas num quadro denominado “Etc...”.

Embora nosso enfoque tenham sido os textos encontrados no jornal (matérias, artigos, notas, opiniões), nos chamaram a atenção publicidades encontradas na coluna social, de casas noturnas da cidade que oferecem como atrativo show de mulheres nuas. Em meio a

diversos outros anúncios, estes anúncios se destacavam pelas cores fortes e por fotos de mulheres quase nuas e em posição sensual.

5.4 O que aconteceu com a pornografia na mídia?

Após essa análise, é possível chegar a algumas conclusões e elaborar reflexões. A primeira delas é que, em relação à pornografia especificamente, pouquíssimo foi encontrado. Verificaram-se, em sua maioria, ocorrências relacionadas a seus “derivados” sexo, sexualidade, erotismo.

Em 1985, percebemos o tema abordado de forma tímida, nas poucas vezes em que aparece. Os textos são cautelosos e denotam uma alta carga de conservadorismo. Há um pudor explícito (as modelos que posaram nuas estão vestidas nas fotos).

Percebe-se que o sexo e tudo que à ele se relaciona, ainda se configurava como ilícito, algo que deveria ser consumido se não secretamente, ao menos discretamente.

Não há notícias do cotidiano relacionadas ao tema. À primeira vista podemos ingenuamente pensar que não havia o que ser noticiado. Mas numa segunda análise percebemos que as pessoas e seus “atos obscenos” sempre existiram, o que mudou foi a forma de falar deles. Em 1985, deles não se falava: eram ignorados em nome de um conservadorismo.

Em termos culturais, não se discorria muito sobre produções que abordassem a pornografia, erotismo ou apenas a sexualidade. Os poucos livros que receberam um espaço, tinham breves comentários.

O ano de 1995 confirmou as prévias suposições. As ocorrências relacionadas ao tema foram encontradas em maior quantidade, e a forma com que eram abordadas era mais aberta, menos conservadora.

O sexo já denotava ser um eficaz apelo ao consumo. Por isso, era usado em manchetes como forma de atrair o leitor. As fotos eram muito mais sensuais e erotizadas. Culturalmente, o tema estava cada vez mais presente em músicas, livros.

O tema também já fazia parte das notícias do cotidiano, o que demonstra uma maior liberdade em se falar de sexo, sexualidade, erotismo. Na reportagem sobre prostituição foi possível perceber uma quase isenção de moralismo e conservadorismo. A prostituição foi tratada como forma de trabalho, e a vida das meninas de programa retratada sem julgamento.

O ano de 2005, ao contrário do que se esperava - uma efusão de matérias relacionadas ao tema -, apresentou poucas ocorrências. No entanto, novas apreciações puderam ser feitas.

Apesar de poucas aparições, foi possível observar que, quando o tema se evidenciava, o fazia de forma mais “liberal”, era tratado como qualquer outro assunto.

Os substantivos sexo, sexualidade, erotismo, obsceno, aparecem cada vez mais nas manchetes como forma de atrair o leitor, mesmo que a matéria diga pouco ou quase nada sobre o assunto.

A pornografia apareceu relacionada ao consumidor homossexual, outro tema que há poucos anos também era tabu.

Além disso, na sessão *Consultório*, na qual o leitor faz perguntas sobre sexo, fica evidente a que ponto a liberdade de falar do tema chegou. Problemas e dúvidas sexuais são tratados abertamente.

No entanto, não podemos ser ingênuos ao achar que não há mais limites quando o assunto é pornografia e seus “derivados”. Parafrazeando Foucault, expor a sexualidade é mais uma forma de controlá-la. Contudo, essa discussão não se faz necessária no decorrer desta análise.

A matéria encontrada sobre prostituição, se diferencia da reportagem de 1995. É óbvio, ambas tratam do mesmo tema, mas, enquanto a de 95 aborda o assunto procurando apresentar uma realidade, a reportagem de 2005 mostra a prostituição como um problema social. Em 2005, a prostituição já é velha conhecida da mídia; no entanto, o que desperta a atenção para matéria é o “trabalho” acontecer em um local público, de grande movimento na cidade. Isso incomoda.

A pornografia, ou erotismo, também está mais presente nas publicidades. Em meio a anúncios de escola, lojas de roupas, encontramos “Bruna Brudeck, com o show da long neck!”. O sexo se transformou num produto comum, como qualquer outro.

Uma última constatação que nos leva a alguns questionamentos, são os fatos do cotidiano relacionados ao sexo. Eles aparecem diversas vezes: estupros, abusos sexuais, pedofilia estão sempre presentes nos acontecimentos diários. É permitido falar deles. Ocupam um espaço em meio a outros acontecimentos. Situam-se num quadro denominado “Etc...”, como se aquilo fosse só um complemento da página de acontecimentos gerais. Aconteceu isso, isso, isso neste dia, etc.. O sexo está banalizado. Será que essa banalização é fruto do excesso de exposição pela mídia nos últimos 20, 30 anos? Será que talvez pela banalização, encontramos tão poucas ocorrências relacionadas ao tema em 2005?

A única certeza é de que a pornografia, o erotismo, a sexualidade se tornaram produtos de consumo geral. Isso foi perceptível nessa análise.

6. CONCLUSÃO

Hoje, o universo da pornografia e do erotismo se revoluciona, se amplia, se desnuda, se questiona. Profundas e generalizadas modificações sociais, políticas, econômicas e culturais atuam na acelerada revisão ou na corrosão de valores e conceitos.

A instituição da pornografia como gênero, as relações que estabelece com o público, seu lugar no interior da indústria cultural estão cada vez mais se confirmando. É necessário compreender a imensa capacidade da pornografia de se adaptar com rapidez aos novos contextos produtivos e sociais, tomando a forma que o frasco tecnológico proporciona para o seu líquido sedutor, corrosivo e transgressor.

A pornografia pode ser devassa, obscena, libidinosa, despudorada, indecente, lasciva, mas não dá para negar que ela pode ser divertida e está presente em nosso cotidiano com as artes plásticas, a literatura, a pintura, e em qualquer lugar que possamos imaginar.

É importante termos sempre em mente que a forma com que a encaramos, explícita ou ilicitamente, é que dará o tom à pornografia, como um produto comum, permitido e consumível; ou como algo que devemos usufruir de portas trancadas como se estivéssemos infringindo alguma regra. É neste ponto que o papel da mídia e dos pornoescritores se torna fundamental, por serem eles os grandes responsáveis na “moldagem” da maneira estética de se entender a pornografia e o mundo.

7. REFERÊNCIAS

- 1) ABREU, Nuno César. *O olhar pornô*. Rio de Janeiro: Mercado das letras, 1996.
- 2) ALBERONI, Francesco. *O Erotismo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.
- 3) BENJAMIN, Walter. "A Obra de Arte na Época de suas Técnicas de Reprodução" IN GRÜNNEWALD, José Lino, *A idéia do Cinema*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969
- 4) BUCCI, Eugênio. A pornografia que quis ser cidadã IN *Jornal do Brasil*. Caderno B. 19 de julho de 2001.
- 5) CASTELLO BRANCO, Lucia. *O que é erotismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984
- 6) CHAIA, Rômulo Oliveira. *No limite do erotismo e da pornografia*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1. sem. 1992. Projeto Experimental do Curso de Comunicação.
- 7) DURINGAN, Jesus Antônio. *Erotismo e Literatura*. São Paulo: Ática, 1985.
- 8) HILST, Hilda. *Cartas de um sedutor*. São Paulo: Paulicéia, 1993.
- 9) ----- . *Contos de Escárnio/textos grotescos*. São Paulo: Siciliano, 1992.
- 10) ----- . *O caderno rosa de Lori Lamby*. São Paulo: Massao Ohno Editor, 1990.
- 11) HUNT, Lynn - Organização. *A invenção da pornografia*. Trad. Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.
- 12) LAPLANCHE, J. e PONTAILS, J.B., *Vocabulário da Psicanálise*. Santos: Martins Fontes, 1979.
- 13) MORAES, Eliane Robert. A obscena senhora Hilst IN *Jornal do Brasil*, Idéias/ LIVROS, 12 de maio de 1990.
- 14) MORAES, Eliane Robert e LAPEIZ, Sandra Maria. *O que é pornografia*. São Paulo: Abril Cultural e Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 1985.
- 15) MORIN, Edgar. *Cultura de Massas do século XX: o espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- 16) MORIN, Violet e MAJAULT, Joseph. *Erotismo – Um Mito Moderno*. Rio de Janeiro: Bloch, 1967.

- 17) NETO, Alcino Leite. À flor da pele IN *Isto é, Isto é Senhor*, 4 de julho de 1990.
- 18) SONTAG, Susan. A imaginação pornográfica IN *A vontade radical*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1987.
- 19) TEIXEIRA, Coelho Neto. Obscenias IN FERREIRA, Jerusa P. e MILANESI, Luís (orgs.), *Jornadas Impertinentes: o Obsceno*. São Paulo: Graal, 1980.
- 20) VALE, Tairone de Azevedo. *O negócio é mais embaixo*. Juiz de Fora: UFJF; FACOM, 1. sem. 1999. Projeto Experimental do Curso de Comunicação.